

Instituto Socioambiental

fonte: ISTO É

class.: AMAR 0409

data: 22/2/95

pg.: 42

ECOLOGIA

Deu nó na madeira

Agressão ao meio ambiente pode levar importadores britânicos a boicotar o mogno extraído no Brasil

PAULO CESAR TEIXEIRA

Um discreto e elegante cavalheiro inglês embrenhou-se na selva amazônica na semana passada para constatar pessoalmente como é extraído o mogno brasileiro. Não é nenhum ecologista xiita, como à primeira vista se poderia supor, e sim o executivo David Musgrave, diretor da maior importadora de madeiras tropicais do Reino Unido, a Meyer International PLC. Na segunda 13, ele desembarcou em Brasília para comprovar a veracidade das denúncias alardeadas por ambientalistas britânicos, segundo as quais a madeira nobre usada para a fabricação de móveis no Primeiro Mundo estaria sendo extraída à custa da destruição das florestas e da matança de índios brasileiros. Antes de sumir na selva do interior do Pará, no dia seguinte, Musgrave conversou com técnicos do Ibama e da Funai e deixou um recado: "A Inglaterra não descarta a possibilidade de aderir a um boicote internacional ao mogno do Brasil."

O País exporta anualmente 100 mil metros cúbicos de mogno, conforme os madeireiros. Mas as organizações não-governamentais afirmam que esse volume é muito maior, porque parte desse comércio é ilegal. Se for concretizada, a ameaça da Inglaterra implicaria a perda de, no mínimo, US\$ 35 milhões anuais, ou 70% das exportações brasileiras. "O pior é o estrago na imagem do País", diz Gabriel Gasparetto, diretor da Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Pará (Aimex). "Para justificar os milhões de dólares que entram em suas contas bancárias, sem ônus fiscal, as ONGs radicais armam campanhas para difamar os madeireiros." Na semana passada, as ONGs britânicas detonaram um bombardeio contra a importação do mogno do Brasil com direito a manifestações públicas de protesto em frente a lojas de móveis em Londres. Os ecologistas alegam que, mantida a exploração indiscriminada, inclusive com invasão de parques nacionais e aldeias indígenas, o mogno da Amazônia pode acabar em menos de quatro anos.

Um estudo recente de especialistas americanos afirma que, ao contrário das outras árvores, o mogno necessita de grandes catástrofes naturais para chegar à idade adulta, como incêndios e inundações. "Como precisa de grande quantidade de luz, a árvore só cresce quando se abrem enormes clareiras nas florestas", assegura Eduardo Martins, da WWF (Fundo Mundial para a Natureza). "Acredita-se que o mogno

precisariam comprovar a origem da madeira. Atualmente, o Ibama admite que não tem condição de fiscalizar a extração na Amazônia e tampouco pode vigiar as aldeias indígenas sem autorização da Funai. "O País tem dimensões continentais", justifica o assessor para assuntos internacionais do Ibama, Francisco Osvaldo Barbosa. Na condição de maior exportador mundial do produto, o Brasil alegou na reunião da Cites que não há comprovação científica de que o mogno esteja sob risco de extinção. Conseguiu uma vitória suada de apenas seis votos para evitar que a sugestão dos holandeses fosse aprovada por dois terços dos participantes do encontro, como exige o regulamento da Cites.

Neste ano, as ONGs voltaram à carga e passaram a pressionar os importadores para que eles próprios boico-



Serraria em Redenção, no Pará: na alça de mira dos ambientalistas ingleses

da Amazônia tenha 400 anos, época em que ocorreu a última catástrofe natural na região, provavelmente um grande incêndio seguido de seca".

Verdade ou não, o certo é que as campanhas das ONGs sensibilizam o consumidor europeu e obrigam os países importadores a atuar na linha de frente do combate à ação dos madeireiros do outro lado do Atlântico. Em novembro do ano passado, por exemplo, na reunião da Cites — uma convenção assinada por 123 países para regular a comercialização de espécies da fauna e da flora ameaçadas de extinção —, na cidade americana de Fort Lauderdale, a Holanda propôs severas restrições à comercialização do mogno brasileiro. O mogno não teria sua venda proibida, mas os exportadores

tem o mogno cuja extração não seja rigorosamente fiscalizada. O resultado é que, a partir de maio, a maior parte dos países exportadores apresentará um certificado comprovando que o mogno foi removido de forma auto-sustentável. Não é à toa que, tão logo retorne de seu safari na selva amazônica, o diretor da importadora britânica Meyer International, David Musgrave, deverá limpar as botas sujas de lama e retomar imediatamente a fleugma tão cara aos ingleses. Na quarta 22, ele tem reunião marcada no Itamaraty para viabilizar uma cooperação entre governo brasileiro e empresários europeus. A idéia é fiscalizar em conjunto a ação dos madeireiros e garantir a boa imagem do mogno brasileiro no mercado internacional. ■